

JORNAL: O Globo LOCAL: Rio de Janeiro  
DATA: 25/08/1985 AUTOR: Frederico Moraes  
TÍTULO: Escândalo de "Opinião 65", 20 anos depois  
ASSUNTO: Exposição Galeria Banerj - 1985 (Opinião 65)

'La fille mal gardée', na versão de Frederick Ashton, está sendo inteiramente remontado por técnicos brasileiros. O balé estréia dia 30. Página 8

Domingo, 25 de agosto de 1985

# Segundo Caderno

O GLOBO

A estréia de destaque da semana cinematográfica é 'Avaeté', de Zelito Viana. O filme aborda o drama de uma tribo que foi exterminada. Página 3

Rio de Janeiro

## O escândalo de 'Opinião 65', 20 anos depois

O Globo 25-08-1985 (Segundo Caderno)

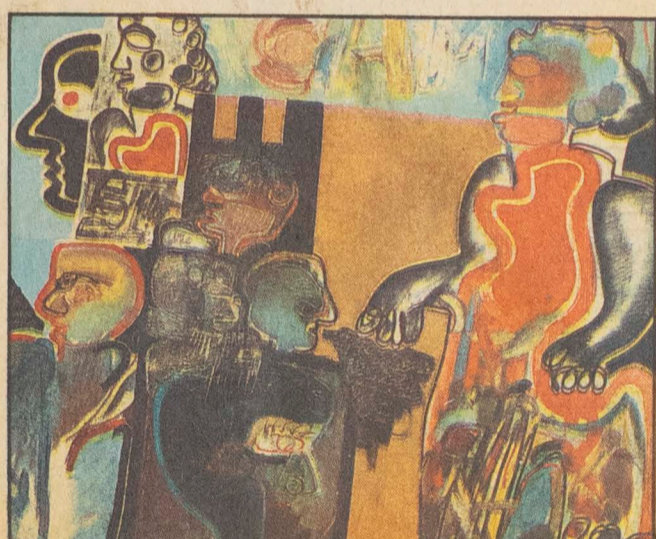
No dia 12 de agosto de 1965, o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro inaugurou, em seu bloco-escola, o único então existente, quatro exposições simultâneas: esculturas de Liuba Wolf, pinturas de Flávio Shiró, relevos e gravuras de Krajeberg, e, lá no fim do corredor, perto da cozinha e do depósito, uma coletiva de artistas franceses e brasileiros de vanguarda. Esta exposição, idealizada pelo marchand Jean Boghici, com apoio de Ceres Franco, crítica de arte brasileira residente em Paris, recebeu o título de "Opinião 65". Entre outros, integraram a mostra, Antonio Dias, Rubens Gerchman, Carlos Vergara, Roberto Magalhães, Hélio Oiticica, Wesley Duke Lee, Ivan Serpa e Waldemar Cordeiro e, entre os estrangeiros, Juan Genovés, Antonio Berni, Alain Jacquet.

Vera Pacheco Jordão, crítica de arte do GLOBO escreveu, quatro dias depois: "Foi animadíssima a inauguração do MAM do Rio e a principal causa da animação reinante foi Opinião 65. E esclarece, quase em tom de desculpa: "Dizendo isso, não estou desfazendo do valor, nem mesmo do interesse, das mostras individuais citadas, todas elas de alto nível. Porém, a nota sensacional que encheu de mocidade os corredores do MAM foi a exibição do que vai pela vanguarda parisiense e, mais atraente ainda, daquilo que está fazendo o pessoal novo carioca e paulista". E acrescenta: "Boa parte do público sentiu-se horrivelmente chocada (ou enojada, como ouvi dizer) pela brutalidade, cruza, caráter propositadamente anties-tético de quase todas as obras — o que demonstra terem aqueles artistas realizado seus propósitos".

A crítica de arte do GLOBO tinha razão. O público (como a crítica) ficara chocado com a narrativa agressiva de Antonio Dias, com suas formas alcochoadas, lembrando vísceras, saindo do quadro e avançando pelo chão, ou com seu cabide com quepe militar. Com as multidões anônimas e solitárias de Gerchman e Genovés, aquele armando quadros em T; com o grafismo ilegível na caixa — posta no chão — de Tomoshige Kusuno; e com a bad painting do elegante Wesley Duke Lee, que brincava consigo e com os espectadores, escrevendo na tela: "Isto é má pintura. Não confundir com ma peinture" e ainda pintava os dois lados de uma tampa de tambor, em obra alusiva à campanha "Dê ouro para o Brasil". Num canto da exposição, o paulista Waldemar Cordeiro,

juntava pedaços de cadeira, mesa, triclos, tentando uma fusão entre a pop e a arte concreta, em seus "popcretos" e Ivan Serpa abandonava sua metódica geometria para aderir à figuração explosiva dos anos 60. Mas o grande escândalo foi a apresentação dos "Parangolés" (tendas, estandartes e capas) de Hélio Oiticica, que invadiu o MAM, onde só se entrava de paletó e gravata, com os sambistas da Mangueira. O impacto de sua arte ambiental e participante, aliado ao barulho da bateria da escola de samba foi tão grande que o artista foi expulso — apresentou-se do lado de fora, não sem, antes, responder com impropérios e acusações de racismo à direção do museu.

Um escândalo. O certo, porém, é que "Opinião 65" confirmou a existência de uma nova vanguarda brasileira, ostensivamente figurativa, fortemente crítica, porém muito mais ousada e experimental que a européia. Por outro lado, era a primeira vez, depois de 1964, que os artistas plásticos se reuniam para dar sua opinião sobre a nova situação política do País.



'Diálogo', obra com técnica mista de José Roberto Aguiar, 1965

Era, também, a primeira resposta convincente dos jovens artistas à avalanche informalista que ainda inundava salões e bienais, com apoio da crítica, e até a vertente construtiva, representada pelo Concretismo/Neoconcretismo.

Vinte anos depois, na aurora da Nova República e quando uma nova figuração explode na arte internacional, com reflexos no Brasil, a mostra "Opinião 65" é remontada e será inaugurada na próxima



'Programação para o assassinato', de Antonio Dias, 1966. Pintura sobre duratex, pano estofado, construção em madeira, acrílico e espuma de poliuretano

terça-feira, às 21 horas, na Galeria de Arte Banerj. E a quinta exposição de um ciclo sobre arte no Rio de Janeiro e, com toda certeza, será a mais popular. Até porque, no vernissage, estarão vários passistas famosos da Mangueira, acompanhados da bateria da escola, vestindo as capas-parangolé de Oiticica. Os organizadores da mostra conseguiram reunir

obras de todos os artistas, inclusive dos 13 estrangeiros que participaram de "Opi-



'Palmeiras x Flamengo', óleo sobre tela de Rubens Gerchman, 1965. Vanguarda crítica

Tratava-se dos franceses Alain Jacquet, Tisserand, Macreau; dos espanhóis Genovés e Jardiel; dos argentinos Antonio Berni e Vanársky; dos gregos Gaitis e Christophrou; do inglês Roy Adzak; e do húngaro Peter Foldés. A maior parte desses artistas participou de importantes mostras, como "Mitologias Quotidianas" e "O mundo em questão ou 26 pintores de contestação".

Pouquíssimos eram conhecidos do público brasileiro ou mesmo dos artistas e, com exceção de Berni, com suas gravuras em relevo, de Jacquet, com o uso de recursos foto-mecânicos, e de Genovés, com suas multidões formigando nas ruas e fugindo da repressão franquista, não convenceram seus colegas brasileiros. Disse Antonio Dias: "Em quase todos os trabalhos europeus de Opinião 65 havia um certo ranço de pintura antiga."

Mas observa, ao mesmo tempo que ressalta o importante trabalho realizado por Jean Boghici, que o resultado concreto foi uma exposição de arte atual européia no Rio, num momento em que começava, na Bienal de São Paulo, a censura militar. "A mostra foi importantíssima para nós, sobretudo porque vimos que o que estávamos fazendo, em nível de imagem, não era uma coisa deslocada ou atrasada no tempo", disse.

nião 65" e vão expor, ainda, amplo material documental, com fotos da inauguração e textos de época, dando conta da repercussão da mostra. Um catálogo com 70 páginas vai acompanhar a mostra, durante a qual, também, será ouvida a trilha sonora do show "Opinião" que deu título à exposição. Estão previstos ainda debates e conferências e os vários depoimentos prestados à equipe da galeria, pelos participantes e organizadores da mostra original, poderão igualmente ser con-

sultados por quaisquer interessados.

O núcleo central da "Opinião 65" era representado pela nova figuração, isto é, por artistas — brasileiros e estrangeiros — preocupados em dar à imagem um novo sentido, ou mesmo uma nova função, frequentemente política. Os estrangeiros eram todos residentes em Paris, artistas vinculados à "Figuração narrativa" e à "Mecart" (arte mecânica), movimentos liderados, respectivamente, pelos críticos Gaston Gassiot Talabot e Pierre Restany.

## Uma renovação com sentido político

Rubens Gerchman, que também não se impressionou com a obra dos estrangeiros de "Opinião 65" nega terminantemente qualquer influência da pop norte-americana em sua obra. Garante que sua formação era mais européia: "Eu lia Sartre, os poetas franceses e sofri grande influência do Existencialismo, antes de descobrir a cultura norte-americana. Por outro lado, a modernidade do cinema francês influenciou-me mais que a pintura." Porém, admite que a "pintura européia era narrativa, os caras faziam quadrinhos, contavam histórias, pintavam cenas que pareciam cinema e tudo isso tinha a ver conosco".

Boghici, lembrando que a pintura neofigurativa brasileira vinha carregada de uma crítica social muito pronunciada, cuja linguagem, entretanto, era importada da Europa, observa: "Aqui, havia um pretexto fantástico para a figuração: o regime militar". Vergara, que apresentou na mostra um trabalho chamado "O general", parece confirmar Boghici, como ele mesmo explica: "A figuração nele contida ia além da pop,

estava mais localizada na questão dos militares no Brasil".

Nem todas as obras eram claramente políticas. Isto ocorre em Dias, Vergara, Flávio Império, Macreau (que retrata o massacre dos judeus nos "pogrons") e Genovés (contra o franquismo). Noutros, a

### Crítica à sociedade de consumo, 'Kitsch' e grafismo erótico

questão confunde-se com o social ou é uma crítica à sociedade de consumo (Gerchman, Berni, Bertini e Gaitis), aproxima-se do kitsch (Vilma Pasqualini), é uma forma de humanismo político (Pedro Escosteguy), funde humor e um certo lirismo (em Roberto Magalhães), ou adquire a forma de um grafismo erótico (em Vanársky e Foldés).

Para boa parte dos expositores, porém — isto é, entre os brasileiros — a questão era mais de linguagem, de renovação de suportes e mate-

riais, mesmo entre aqueles cuja obra tinha um sentido político e social pronunciado, como Dias e Gerchman. Com seus "conversíveis", Gastão Manoel Henrique retomava a questão da participação do espectador, proposta por Lygia Clark, Oiticica levava mais longe ainda esta idéia, pedindo aos espectadores que vestissem sua obra, Ivan Freitas não era muito diferente do que é hoje, com suas paisagens cósmicas, enquanto Serpa e Cordeiro buscavam uma síntese entre a figuração recente e os padrões e conceitos construtivos, o primeiro associando grafismo e geometria, o segundo fazendo apropriações de objetos segundo os esquemas teóricos do Nouveau Realisme, de Restany.

Vista agora, 20 anos depois, é ainda uma exposição de forte impacto — e isto explica por que ela repercutiu tanto no desenvolvimento da arte brasileira.

FREDERICO MORAIS

Na página 3, o roteiro da semana de artes plásticas